

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS -
DALEM
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS
MODERNAS

VITOR DE ANDRADE MARTINS

A QUESTÃO CULTURAL E O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

TRABALHO FINAL DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2014

VITOR DE ANDRADE MARTINS

A QUESTÃO CULTURAL E O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Artigo como trabalho final de Especialização apresentado ao Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas - DALEM, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas”.

Orientador: Profa. Msc Maristela Pugsley Werner

CURITIBA - PR

2014

A QUESTÃO CULTURAL E O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

RESUMO: Este artigo tem como objetivo esclarecer alguns pontos importantes concernentes ao ensino de cultura no ensino de línguas estrangeiras. Língua e cultura estão intimamente relacionadas e não é possível comunicar-se efetivamente numa língua estrangeira sem ter noção do contexto cultural em que ela é usada. O texto faz algumas considerações sobre o relacionamento entre língua e cultura e a definição de cultura no ensino de línguas. A seguir, fala mais especificamente sobre o que é adotar uma abordagem intercultural em sala de aula e suas implicações. As diferenças culturais existem e, tanto o aluno quanto o professor, devem aprender a identificá-las de modo que elas não se tornem uma fonte de conflitos na comunicação intercultural. O papel do professor é oferecer suporte aos alunos para que eles desenvolvam conhecimentos, habilidades e atitudes que os preparem para se comunicar efetivamente em uma língua estrangeira, superando barreiras culturais, e levando-os progressivamente em direção a competência intercultural. Neste processo, a identidade cultural do aluno não deve ser anulada em prol da aquisição de uma nova cultura, em vez disso, ele deve achar para si um lugar intermediário entre sua cultura e a cultura alvo.

Palavras-chave: cultura; ensino de línguas estrangeiras; ensino intercultural de línguas; competência intercultural.

***ABSTRACT:** This article aims to clarify some important points concerning the teaching of culture in the foreign languages teaching. Language and culture are closely related and it is not possible to communicate effectively in a foreign language without being aware of the cultural context in which it is used. The text presents some considerations about the relationship between language and culture and the definition of culture in language teaching. Then it talks more specifically about what it means to adopt an intercultural approach in the foreign language classroom and its implications. Cultural differences exist, and both the learner and the teacher must learn to identify them so that they do not become a source of conflict in intercultural communication. The teacher's role is to support the learner so that they develop knowledge, skills and attitudes that prepare them to communicate effectively in a foreign language, overcoming cultural barriers and bringing them progressively towards intercultural competence. In this process, the cultural identity of the student should not be changed in favour of the acquisition of a new culture, instead, he should find himself a middle place between his and the target culture.*

***KEYWORDS:** culture; foreign language teaching; intercultural language teaching; intercultural competence.*

1. Introdução

Com o avanço da tecnologia e da informação, pessoas do mundo todo entram em contato umas com as outras com uma facilidade nunca vista antes. A necessidade de falar uma língua estrangeira tem aumentado, seja por necessidades profissionais ou pessoais. Ao ensinar uma língua estrangeira, o principal objetivo do professor é que seu aluno seja capaz de

comunicar-se efetivamente no novo idioma. Mas o que isto significa? Para muitos, seria possuir as quatro habilidades de ler, escrever, falar e ouvir. Entretanto, não é possível dominar uma língua sem ter noção do contexto cultural em que ela é usada.

A linguagem é o principal meio pelo qual conduzimos nossas vidas em sociedade e está ligada à cultura de maneiras variadas e complexas (KRAMSCH, 1998, p. 3). Observando nosso próprio cotidiano, é possível perceber que o modo como usamos nossa língua está intimamente ligado à nossa cultura. A maneira como nós cumprimentamos as pessoas, expressamos gratidão, fazemos pedidos, concordamos ou discordamos de alguém depende da circunstância e da pessoa com quem estamos interagindo. Para um brasileiro, por exemplo, é natural abraçar um amigo para cumprimentá-lo, enquanto que para um inglês ou um alemão um aperto de mão é o suficiente. É claro que não existe um jeito certo ou errado de cumprimentar, mas existe uma maneira culturalmente apropriada, de acordo com o grupo ao qual pertencemos. Desta forma, podemos concluir que não há como separar o ensino de cultura do ensino de línguas estrangeiras.

A cultura sempre esteve presente nos currículos de línguas estrangeiras. Muitas vezes de uma forma implícita, pois, como dito anteriormente, é impossível separar língua e cultura. O problema é a maneira como o ensino de cultura é tratado e o tipo de cultura que é ensinado nas salas de aula. O que ocorre, na maioria dos casos, é que o ensino de cultura é superficial, resumindo-se aos principais feriados, geografia, monumentos históricos, etc, e, muitas vezes, levando à formação de estereótipos. As barreiras encontradas pelo professor para que realize um bom trabalho na área de interculturalidade são várias, desde desinformação sobre o que significa realmente ensinar cultura até a falta de material didático adequado. O ensino de cultura envolve tempo, preparação, estudo e planejamento, dificultando a vida do professor que já está sobrecarregado com carga horária excessiva e comprometido com várias instituições de ensino (LIMA, 2009, p. 188).

Este artigo tem como objetivo esclarecer alguns pontos importantes concernentes ao ensino de cultura no ensino de línguas estrangeiras. Para isso, vamos nos aprofundar um pouco mais nos pontos levantados até aqui. Buscaremos definir o que é cultura e falar sobre a relação entre língua e cultura no ensino de línguas. Além disso, falaremos sobre a importância da abordagem intercultural na sala de aula e sobre o que é competência intercultural.

2. Língua e cultura

O ser humano é uma criatura social e um dos exemplos mais claros da associação de uma pessoa a outra é a linguagem. Segundo Kramsch (1998, p.3), a linguagem é um sistema de sinais que contém nela própria um valor cultural. A mesma autora diz que a linguagem expressa, personifica e simboliza a realidade cultural. Através de palavras, sejam elas escritas ou faladas, transmitem-se fatos, ideias e eventos que são do interesse de outros indivíduos. As palavras também refletem pontos de vista e crenças do próprio falante, que podem ser os mesmos compartilhados pelas pessoas do grupo a que pertence. A linguagem não-verbal é da mesma forma significativa e entendida pelo grupo em que é compartilhada, como, por exemplo, o tom de voz, expressões faciais e gestos. Falando de uma forma objetiva, a

linguagem não é apenas um código, ela também envolve práticas sociais de interpretação e criação de significados (SCARINO e LIDDICOAT, 2009, p. 16).

Quando um bebê nasce, instintivamente, ele age de forma bastante similar a todos os outros bebês. A partir de um certo momento, quando a criança passa a interagir com o que está ao seu redor, “tudo o que ela fizer não será mais determinado por instintos, mas sim pela imitação dos padrões culturais da sociedade em que vive” (LARAIA, 1996, p. 51). A forma como estes padrões culturais são transmitidos se dá através da linguagem, seja em sua forma verbal ou não-verbal, por meio falado, escrito ou visual. Então, podemos dizer que, ao usar uma língua, automaticamente estamos transmitindo cultura.

Linguagem e cultura estão entrelaçadas de maneira complexa. A complexidade desta relação pode ser observada nas palavras de Laraia (1996, p. 53), quando ele diz que “a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação”. Ou seja, não existiria meio para que o conhecimento aprendido fosse transmitido de um indivíduo a outro, de uma geração a outra, sem a linguagem.

A cultura opera em três planos distintos: social, histórico e metafórico (KRAMSCH, 1998, p. 6). No plano social, refere-se ao pensamento, comportamento e valores do momento presente compartilhados pelos membros de uma mesma comunidade. No ensino de línguas é o conceito mais relevante desde os anos 80 (KRAMSCH, 2013, p. 65), e também chamado de cultura com c minúsculo. No plano histórico, refere-se ao modo que um grupo social representa a si próprio e aos outros através de sua produção material ao longo do tempo (suas conquistas tecnológicas, seus monumentos, suas obras de arte, sua cultura popular) que marca o desenvolvimento de sua identidade histórica. É o conceito de Cultura com C maiúsculo. De acordo com Kramsch (1998, p. 8), o plano social e o plano histórico combinados é o chamado contexto sociocultural do estudo da linguagem. Ainda há um terceiro plano, o plano metafórico. Refere-se à cultura no que diz respeito a imaginação e sonhos realizados e não realizados compartilhados por uma comunidade.

Para entender melhor como os aspectos culturais influenciam no ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, faz-se necessário identificar alguns aspectos da cultura. Em primeiro lugar, podemos observar na própria origem da palavra uma de suas características. Cultura vem do latim e significa cultivar. Isto nos passa a ideia de que cultura não é algo determinado pela genética, mas que é um conhecimento aprendido ou “cultivado”. Laraia (1996, p. 46) diz que “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam.” Podemos notar a veracidade desta observação quando pensamos nas diferenças entre membros de uma mesma comunidade nascidos em épocas diferentes. Apesar de compartilharem da mesma língua, uma pessoa de 20 anos e uma de 80 anos possuem características bem diferentes, devido a serem resultados de meios culturais diferentes.

O exemplo do parágrafo anterior nos leva ao segundo aspecto – culturas e padrões culturais mudam ao longo do tempo. Podemos provar isso na dificuldade de um avô entender o comportamento do neto, ou vice-versa, ou na dificuldade de um estudante dos dias atuais em entender um poema escrito no início do século passado. De acordo com Laraia (1996, p. 100) existem dois tipos de mudanças culturais. Uma delas é interna e resulta da dinâmica do

próprio sistema cultural. Geralmente, é uma mudança que acontece mais lentamente e pode ter seu ritmo alterado por eventos históricos, como uma catástrofe ou uma grande inovação tecnológica. O segundo tipo de mudança resulta do contato entre sistemas culturais e é o mais atuante na maior parte das sociedades humanas.

A cultura também afeta o modo como o homem vê o mundo (Laraia, 1996, p. 69). Nosso ambiente cultural molda nossa visão de mundo de uma tal forma que enxergamos a realidade através de nosso próprio padrão cultural, e uma percepção diferente é vista como falsa ou estranha, podendo levar a inúmeros conflitos sociais, sendo um deles a formação de estereótipos.

Outro aspecto fundamental é que as culturas são heterogêneas. Membros de uma mesma comunidade têm histórias de vida diferentes, além de diferirem em idade, gênero, etnia, opiniões políticas, etc. Portanto, os indivíduos participam de sua cultura de maneiras diversas e limitadas, “nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura” (LARAIA, 1996, p. 82).

Considerando os pontos falados até o momento, podemos constatar a importância de uma abordagem intercultural e o impacto da relação da linguagem e cultura sobre o ensino de línguas estrangeiras. Entender esta relação é central no processo de aprendizagem de outra língua, pois é a língua no seu contexto cultural que possui significado.

3. A abordagem intercultural no ensino de línguas estrangeiras

No ensino de línguas estrangeiras (LE), uma abordagem intercultural procura maneiras de entender o “Outro” através do aprendizado de sua língua nacional. O termo intercultural geralmente se refere ao encontro de duas culturas ou duas línguas além das fronteiras políticas das nações, baseando-se na equivalência de uma nação - uma cultura - uma língua e na expectativa de que um “choque cultural” pode acontecer ao se cruzar fronteiras nacionais (KRAMSCH, 1998, p. 81).

Retomando um dos exemplos citados no tópico anterior, para um leitor dos dias atuais é uma tarefa complicada interpretar um poema escrito há 100 anos atrás ou mais. Para que isso se torne possível, é preciso entender todo um conjunto de fatores referentes à época em que o poema foi escrito, ou seja, é necessário entender o contexto. Da mesma forma, para entender uma língua estrangeira é necessário também entender o contexto em que ela é usada. De acordo com Scarino e Liddicoat (2009, p. 18):

“Nas salas de aula de língua estrangeira, os aprendizes precisam conscientizar-se das formas em que o contexto afeta o que é comunicado e como. Tanto a cultura do aprendiz como a cultura em que o significado é criado ou comunicado têm influência sobre as maneiras pelas quais possíveis significados são compreendidos. Este contexto não é de uma única cultura, visto que ambas a cultura e língua alvo e a cultura e língua do aprendiz estão simultaneamente presentes e podem estar simultaneamente envolvidas.” (SCARINO e LIDDICOAT, 2009, p. 18)

O conhecimento sobre outras culturas é muito importante para que a comunicação intercultural seja bem sucedida. Entender o contexto em que a língua falada é usada é

essencial para compreender o seu real significado. Mas para conhecer o outro, primeiro é necessário conhecer a si próprio, pois diferenças ou similaridades só existem quando dois ou mais objetos são comparados. Portanto, ajudar o aluno a enxergar-se como um ser cultural faz-se necessário para que ele possa conscientizar-se de que sua identidade cultural afeta a maneira como ele vê o mundo.

Quando Laraia (1996, p. 69) discorre sobre como a cultura condiciona a visão de mundo do homem, ele diz que a nossa herança cultural nos condiciona a agir de forma depreciativa em relação a comportamentos diferentes dos padrões aceitos. Disto podemos inferir que a nossa tendência é de assumir que o nosso comportamento, pensamento e atitudes, enfim, nosso modo de vida é o mais correto e natural. Se reconhecemos e entendemos pontos de vista diferentes, geralmente adotamos uma postura positiva e aberta em relação às diferenças entre culturas. Uma visão fechada destas diferenças, provavelmente resultará na construção de estereótipos. O estereótipo pode ser acurado ao descrever um membro típico de uma comunidade, mas cada indivíduo é único e todas as características do comportamento de uma pessoa não podem ser preditas com base na generalização de normas culturais (BROWN, 2000, p. 179). De acordo com Lima (2002, p. 86), com o surgimento dos movimentos sociais minoritários e o advento do método comunicativo a partir dos anos 80, a visão de cultura estrangeira estereotipada começou a mudar. É desafiador fugir da tendência de formar estereótipos, é comum pensarmos no alemão sério e metódico, no britânico educado e reservado ou no brasileiro alegre, extrovertido e que gosta de samba, futebol e carnaval. Entretanto, tanto o professor quanto o aluno de línguas estrangeiras devem explorar estes sentimentos e pensamentos em sala de aula de maneira que eles não venham a se tornar fontes de conflito na comunicação intercultural.

Um dos processos básicos de qualquer processo de aprendizagem é o relacionamento daquilo que o aluno já sabe com aquilo que está aprendendo. Por isso é tão importante que a cultura alvo seja analisada em conjunto com a cultura nativa do aprendiz. Desta forma, o próprio aprendiz poderá constatar que seu modo de viver e de pensar é tão influenciado pela sua cultura quanto o modo de viver e de pensar de um indivíduo da cultura alvo. De forma geral, podemos dizer que o objetivo de adotar uma abordagem intercultural no ensino de LE é tornar os alunos cientes dos valores, credos e opiniões que eles possuem e que são moldados por sua cultura e como adaptar-se e reagir em situações de incerteza, quando a comunicação se dá com um interlocutor com valores, credos e opiniões diferentes dos seus.

Sobre isso, Scarino e Liddicoat (2009, p. 22) falam:

“Tomar uma perspectiva intercultural no ensino e aprendizagem de línguas envolve mais que desenvolver conhecimento sobre outros povos e lugares. Significa aprender que todos os seres humanos são moldados por suas culturas e que comunicar-se entre culturas envolve aceitar tanto sua própria natureza condicionada culturalmente quanto a dos outros e a maneira em que estas relacionam-se na comunicação.” (SCARINO e LIDDICOAT, 2009, p. 22)

De acordo com Kramsch (2013, p. 68), o único meio de construir um entendimento mais completo e menos parcial de ambas a cultura alvo e a cultura nativa é desenvolver uma terceira perspectiva, onde o aprendiz pode ter uma visão como de alguém que está fora e como de alguém que está dentro de ambas as culturas, a chamada terceira cultura. Nesta

perspectiva, o aprendiz não muda sua identidade cultural por aprender uma LE, mas pode ser levado a colocar-se no lugar de outra pessoa, a fim de que possa comunicar-se efetivamente.

O conceito de terceira cultura não se propõe a eliminar a dicotomia cultura nativa/cultura alvo. Em vez disso, sugere que seja dada mais atenção ao próprio relacionamento entre culturas e não a cada uma de forma isolada. A habilidade de encontrar este lugar intermediário está no núcleo da competência intercultural.

Competência intercultural é a habilidade de comunicar-se efetivamente, usando a língua de maneira apropriada socialmente e culturalmente (BYRAM, GRIBKOVA e STARKEY, 2002, p. 4). Este conceito é um resumo dos pontos que já discutimos até aqui. O primeiro é que o aprendizado de uma LE não se limita apenas a regras gramaticais e vocabulário, somente estes conhecimentos não propiciam condições para uma comunicação bem sucedida. O segundo ponto é a ligação de interdependência entre língua e cultura e a importância de conscientizar o aprendiz de que a cultura interfere na forma em que a língua é usada. E, finalmente, a importância de analisar o contexto em que a língua é usada, pois é a única forma de compreender o seu significado real.

Devido a própria dinâmica do sistema cultural, que está em constante mudança, observamos que a aquisição da competência intercultural nunca é completa e perfeita e está mais relacionada a aquisição de uma atitude de dispor-se a entender e aprender com o “Outro”. Isso torna-se importante, principalmente, quando analisamos as comunidades dos dias atuais, que são abertas e heterogêneas tornando-se muito difícil estabelecer fronteiras de qualquer grupo social em particular. Em grandes cidades como Londres e Nova Iorque, por exemplo, encontram-se pessoas de inúmeras nacionalidades e etnias, além dos ingleses e americanos. Por isso é importante destacar que não é necessário conhecer a cultura britânica, a cultura americana ou a cultura brasileira, mas conhecer os fatores envolvidos e o processo que se dá na comunicação intercultural.

Byram, Gribkova e Starkey (2002, p. 7) destacam cinco atitudes ou *savoirs* como fundação da competência intercultural:

- *Savoir être* (atitudes interculturais): relativização dos próprios valores, crenças e comportamentos, entendendo que eles não são os únicos corretos e naturais. É a capacidade e prontidão em abandonar atitudes e percepções etnocêntricas e de estabelecer e manter uma relação entre cultura nativa e cultura alvo.

- *Savoirs* (conhecimento): conhecimento de si próprio e dos outros e dos processos de interação entre indivíduos e sociedades.

- *Savoir comprendre* (habilidades de interpretação e relação): habilidade de interpretar um documento ou evento de outra cultura, explicá-lo e relacioná-lo a documentos e eventos da própria cultura.

- *Savoir apprendre/faire* (habilidades de descoberta e interação): habilidade de adquirir conhecimentos novos de uma cultura e práticas culturais e a habilidade de agir sob as restrições da comunicação e interação em tempo real.

- *Savoir s’engager* (consciência cultural crítica): habilidade de avaliar, criticamente e com base em critérios explícitos, perspectivas, práticas e produtos da própria cultura e de outras.

Estas atitudes que constituem a fundação da competência intercultural não são importantes apenas na aprendizagem de uma LE. São atitudes que, de uma forma geral,

também contribuem para o sucesso na comunicação com qualquer pessoa, mesmo pertencendo a mesma comunidade. Ao promover estas atitudes na sala de aula de LE, o professor também contribui para a formação do aluno como cidadão. Portanto, o papel do professor é promover atitudes, habilidades e a conscientização de valores tanto quanto promover o conhecimento de um país e cultura em particular.

À primeira vista, adotar uma abordagem intercultural no ensino de LE pode parecer muito trabalhoso para o professor, pois isto implica que grande parte de seu conteúdo seja revisto e isto envolve tempo, preparação, estudo e planejamento. Mas não é uma missão inalcançável e através de mudanças graduais é possível realizar um bom trabalho. Antes de tudo, o professor deve fazer uma auto análise, a fim de entender qual é o seu próprio posicionamento em relação às questões culturais e descobrir quais são suas deficiências e habilidades.

4. Algumas considerações práticas

Vários fatores podem ter impacto no sucesso ou no fracasso do ensino intercultural de LE. Professores, currículos e material didático estão entre os fatores mais importantes a serem considerados. Um dos maiores desafios para o professor é, depois de entender toda a complexidade da relação entre a cultura e o ensino de LE, transformar este conhecimento teórico em práticas que poderão ser aplicadas em sala de aula.

Existe um debate se o professor de LE ideal seria o falante nativo. O conceito de falante nativo é usado primariamente com respeito à competência linguística. Mas este tipo de visão não pode ser transferida para a questão cultural por duas razões principais. A primeira é que as pessoas que vivem em um dado país não conhecem a cultura “completa”, porque na realidade há muitas culturas dentro de um país. Dentro do Brasil, por exemplo, as diferenças culturais entre cada região são evidentes, a ponto de ser possível que um brasileiro desconheça totalmente o modo de viver de um outro brasileiro que viva numa região diferente. Como falado anteriormente, nenhum indivíduo é capaz de participar de todos os aspectos de sua cultura. A segunda razão é que, ao contrário da linguagem que em grande parte é adquirida até os cinco anos de idade, o aprendizado cultural continua ao longo da vida. Portanto, um falante nativo não pode ser considerado como uma autoridade sobre as culturas de um país ou dizer o que é certo ou errado, como poderia ser possível com respeito a linguagem (BYRAM, GRIBKOVA e STARKEY, 2002, p. 12).

Outra questão que pode surgir é quanto ao fato da experiência internacional do professor. Inclusive, esta é uma estratégia de propaganda de muitos cursos de idiomas, o professor com vivência no exterior. A exposição à cultura alvo é muito importante e proveitosa tanto para os professores quanto para os alunos, mas não é a realidade para muitos. Alguns professores podem se perguntar como é possível ensinar uma cultura estrangeira se eles nunca deixaram o seu país. É importante lembrar que o principal objetivo do ensino intercultural de LE não é a transmissão de informações sobre um dado país. É ajudar os aprendizes a adquirir habilidades e conhecimentos que o levem progressivamente em direção à competência intercultural. Portanto, o professor não tem que saber tudo sobre a cultura alvo, até mesmo porque isto é algo impossível. O professor ideal não é o falante nativo nem o não-

nativo, nem aquele que tem vivência no exterior, mas é aquele que pode ajudar o aluno a fazer perguntas e interpretar respostas (BYRAM, GRIBKOVA e STARKEY, 2002, p. 10).

Outras barreiras que podem ser encontradas ao adotar uma abordagem intercultural são concernentes ao currículo e ao material didático. Muitas vezes, o currículo e o material didático utilizados não são adequados e “engessam” o professor, que pode fazer nenhuma ou poucas alterações no método utilizado pela escola ou curso em que trabalha. Byram, Gribkova e Starkey (2002, p. 16) falam sobre como o professor pode promover a interculturalidade quando tem que seguir um currículo ou programa definido. Geralmente, este tipo de programa é baseado em temas e estruturas gramaticais. A saída é que o professor use o tema proposto pelo livro ou programa e encoraje os alunos a questionar e fazer comparações. Por exemplo, se um exercício de gramática diz “João gosta de futebol”, o professor pode encorajar os alunos a discutir se no seu país futebol é um esporte mais dirigido a um público masculino ou feminino, ou se futebol é o principal esporte do país em questão, se os alunos se identificam com determinado jogador, etc. Partindo dos exercícios propostos pelo livro, pode-se criar exercícios adicionais, reforçando as mesmas estruturas gramaticais, mas usando uma classe de contextos e exemplos diferentes.

Quando há liberdade de escolha, o professor pode fazer uma análise mais cuidadosa dos materiais e técnicas que pretende usar.

É importante usar materiais autênticos e assegurar que os aprendizes entendam seu contexto e intenção. Materiais de origens diferentes com perspectivas diferentes devem ser usados em conjunto para capacitar o estudante a comparar e analisar os materiais criticamente. É mais importante que os alunos adquiram habilidades de análise que informação de fato (BYRAM, GRIBKOVA e STARKEY, 2002, p. 24).

Existem muitas técnicas que podem ser utilizadas numa abordagem intercultural. A primeira delas e a mais simples é a observação. Observando o comportamento das pessoas, como se cumprimentam, como falam ao telefone, etc, o aprendiz pode extrair muitas informações culturais. Infelizmente, grande parte dos alunos não têm a oportunidade de estar no país em que a língua alvo é falada, mas o professor pode usar filmes, telejornais, jornais e outros materiais autênticos. Visitas a centros étnicos e restaurantes também podem ser úteis.

Krasner (1999, p. 86) exemplifica algumas técnicas que também são comumente adotadas no ensino intercultural de LE: o mini-teatro, as cápsulas culturais e a dramatização. O mini-teatro apresenta uma situação de mal-entendido na forma de dramatização e os alunos devem descobrir qual foi a causa. As cápsulas culturais fornecem explicações breves de costumes estrangeiros. Elas não precisam ser limitadas a apresentação oral, elas também podem ser utilizadas em atividades de leitura e escrita e como recursos visuais. A dramatização pode ser usada para demonstrar um comportamento cultural apropriado.

A tecnologia também pode ser uma forte aliada do professor. Uma fonte de materiais autênticos excelente é a Internet, onde é possível encontrar informações culturais atualizadas e que podem ser facilmente adaptadas para vários níveis de proficiência. Vídeos, *podcasts* e uma ampla variedade de materiais escritos estão à disposição. Existem outras ferramentas que podem ser usadas para interação entre professores, alunos, falantes nativos e não-nativos da língua alvo.

Para manter uma interação entre professores e alunos fora da sala de aula podem ser usados os blogs e as redes sociais. Os blogs tornam-se particularmente interessantes, pois são

simples de manusear e é fácil adicionar conteúdos extras aos discutidos em sala, de uma forma organizada. Por exemplo, o professor pode escolher temas que despertem a consciência crítica dos alunos, como xenofobia, direitos humanos, política, e eles podem expressar suas opiniões nos comentários de cada publicação. As redes sociais também podem ser utilizadas, mas devido a serem mais dinâmicas torna-se difícil acompanhar todo o conteúdo publicado. Para aqueles alunos que não se sentem à vontade para participar nas discussões em sala de aula, estas ferramentas podem ter eficácia. A tecnologia VoIP (*voice-over-Internet-Protocol*), tais como Skype e Google Talk, pode ser usada na interação entre falantes não-nativos e nativos promovendo o acesso a um ambiente cultural estrangeiro.

De acordo com Kramsch (2013, p. 70), o uso da comunicação mediada por computador (CMC) para promover a interação entre falantes nativos e não-nativos em LE trouxe um novo significado ao conceito de competência intercultural. O aumento do uso da CMC para desenvolver a competência comunicativa na LE levou a uma reorientação do ensino de línguas em direção à fluência conversacional, à habilidade de conversar *online* e ao debate de características superficiais da língua, mas não, necessariamente, a explorações profundas de diferenças culturais e ao debate de pontos de vista incompatíveis.

5. Considerações finais

Comunicar-se efetivamente numa língua estrangeira requer a compreensão do contexto cultural em que a língua é usada, além do conhecimento de normas gramaticais e vocabulário. Cultura e linguagem estão interligadas de maneira complexa e não há como ensiná-las de maneira separada. A cultura sempre esteve presente no ensino de LE, mesmo que de uma forma implícita. Em muitos casos, professores limitam-se a falar sobre alguns feriados, roupas e canções tradicionais, mas fora de contexto estes assuntos oferecem muito pouco aos alunos.

É importante que os professores entendam o significado e a importância de adotar uma abordagem intercultural na sala de aula de LE. Não é necessário que o professor conheça 100% da cultura de um país para que possa ensiná-la, pois isso é impossível. Primeiro, porque a cultura é dinâmica e muda ao longo do tempo e, segundo, nenhuma pessoa pode participar de todos os elementos da sua cultura. O professor ideal é aquele que pode ajudar seus alunos a verem as relações entre sua própria cultura e outras, que pode estimular neles o interesse e a curiosidade sobre o “outro” e uma consciência crítica de si mesmos e das suas próprias culturas vistas das perspectivas de outras pessoas. Para que isso aconteça é necessário que o professor analise seu próprio posicionamento em relação às questões culturais, com o intuito de que possa buscar mais informações e, até mesmo, uma mudança de atitude.

As limitações no ensino intercultural de LE são várias, e vão desde a desinformação dos professores até a falta de material didático adequado. A medida que mais profissionais conscientizem-se da importância da cultura no ensino de línguas, a pressão para que se crie mais cursos de formação e aperfeiçoamento aumenta. Também faz-se necessário que invista-se na elaboração de atividades práticas e em material didático que promovam a consciência cultural crítica dos aprendizes.

É óbvio que o ensino intercultural de LE não significa que os aprendizes não irão enfrentar nenhuma dificuldade na comunicação intercultural. Entretanto, se os estudantes entenderem que a cultura está em todos os lugares, se eles reconhecerem as diferenças entre eles mesmos e respeitá-las, em vez de sentir medo do diferente, eles irão atravessar um limiar educacional importante.

Referências

BROWN, H. Douglas. *Principles of language learning and teaching*. 4a ed. New York: Longman, 2000.

BYRAM, Michael; GRIBKOVA, Bella; STARKEY, Hugh. *Developing the intercultural dimension in language teaching: a practical introduction for teachers*. Strasbourg: Council of Europe, 2002.

KRAMSCH, Claire. Culture in foreign language teaching. *Iranian Journal of Language Teaching Research*, V. 1, n. 1, p. 57-78, 2013.

_____. *Language and Culture*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

KRASNER, Irene. The role of culture in language teaching. *Dialog on language instruction*, v. 13, n. 1 e 2, p. 79-88, 1999.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

LIMA, Diógenes Cândido. O ensino de língua inglesa e a questão cultural. In: _____ (Org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SCARINO, Angela; LIDDICOAT, Anthony J. *Teaching and learning languages: a guide*. Victoria: Australian Government, Department of Education, Employment and Workplace Relations, 2009.